

VAMOS PERSEGUIR A INFORMAÇÃO

As técnicas para classificar a informação foram desenvolvidas no final do século XIX e permanecem como instrumento de organização e localização de documentos; seu conhecimento proporciona a professores e alunos maior liberdade de pesquisa nos acervos das bibliotecas

As tentativas para tornar disponível a informação contida em registros escritos, quer organizando-os em uma certa ordem (autor, título, data de publicação...), quer elaborando resumos de documentos muito longos ou mesmo indicando seu conteúdo (assunto) através de palavras ou de algum outro símbolo, são bastante antigas.

O registro mais remoto dessas experiências data do segundo milênio antes de Cristo. Como se sabe, os documentos mesopotâmicos, cunhados em tábuas de argila, eram protegidos por uma espécie de envelopes. Para evitar o rompimento desses invólucros era costume inscrever neles informações que tinham funções semelhantes aos dos modernos resumos.

HISTÓRIA E DOCUMENTAÇÃO

A história registra que os papiros da Biblioteca da Alexandria eram resumidos

AS AUTORAS

Maria de Fátima Gonçalves M. Tálamo

Professora Doutora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP.

Marilda Lopes Ginez de Lara

Professora Assistente do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP.

Nair Yumiko Kobashi

Professora Doutora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da ECA-USP.

para facilitar as pesquisas dos estudiosos da época. Inúmeras obras eram condensadas, particularmente as de natureza histórica, como também o eram as peças dos grandes dramaturgos da época. A tradução do resumo da peça Agamêmnon, de Ésquilo¹, que apresentamos a seguir, ilustra o notável trabalho documentário ancestral a que nos referimos:

“Agamêmnon, ao partir para Tróia, prometeu a Clitemnestra que, se saqueasse Tróia, ele a avisaria através de um sinal luminoso. Por isso, Clitemnestra contrata um observador que a informa assim que vê o sinal. Ela, então, convoca a assembléia dos anciãos — que formam o coro — para consultá-los a respeito do sinal. Ao saberem do fato, uma parte deles entoia uma canção de triunfo. Logo depois, Taltíbios (o arauto) aparece e descreve em detalhes os eventos da viagem. Em seguida, Agamêmnon vem em uma carruagem seguida por uma outra, na qual está Cassandra, seu espólio. No momento em que ele entra no palácio com Clitemnestra, Cassandra faz profecias sobre sua própria morte, a de Agamêmnon e sobre o matricídio de Orestes; a seguir, adentra

1. Poeta dramático, grego, viveu de 525 a 456 a.C. (N.E.)

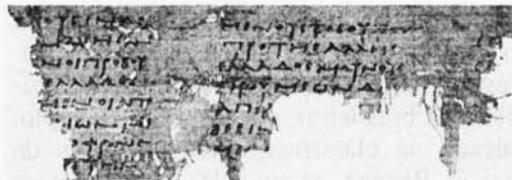
precipitadamente e, como alguém pronto para morrer, deixa cair as suas insígnias. Esta parte da peça é admirável porque provoca temor e compaixão. Como é peculiar em Ésquilo, a morte de Agamêmnon dá-se nos bastidores; nada é dito sobre a morte de Cassandra, até que seu cadáver seja exposto. Egisto e Clitemnestra revelam, cada qual, suas próprias razões para o assassinato: o dela, é o sacrifício de Ifigênia; o dele, os infortúnios causados por Atreu a seu pai. A peça foi encenada durante o governo de Fíllaco no segundo ano da octogésima Olimpíada (459/458 a.C.). Ésquilo ganhou o primeiro prêmio com Agamêmnon, Coéforas (Libation bearers), Eumênides e sua peça satírica Proteu. Xenocles Afdnaios dirigiu o Coro².

Na Idade Média, além de elaborar manuscritos, os monges copistas realizavam um intenso trabalho documentário: eles costumavam introduzir, às margens das obras, anotações que condensavam o seu conteúdo.

Porém a documentação, isto é, as técnicas para tratar informação para torná-la reutilizável, em moldes semelhantes aos praticados hoje, nasceu apenas no século XVII, com a edição do *Le journal des Sçavants*, periódico semanal que apresentava resumos dos trabalhos científicos, filosóficos e artísticos da época.

Tal periódico foi o precursor das inúmeras revistas de natureza referencial que apareceram na Europa a partir desse período. Eles cresceram em número e abrangên-

cia de cobertura durante os séculos XVIII e XIX, até chegarem aos formatos atualmente conhecidos, isto é, as bases de dados apresentadas em diferentes suportes: fitas magnéticas, disquetes, *CD-ROMs* etc.



Fragmento de um papiro da primeira metade do século III a.C., contendo um texto de Heródoto³.

FORMAÇÃO E INTERMEDIÇÃO

Pode-se perceber que o acesso à informação é sempre realizado através de intermediações. Tais intermediações organizam em conjuntos finitos inúmeras informações que se relacionam de alguma forma, mas que se encontram dispersas em diferentes publicações.

É por isso que numa biblioteca a utilização do catálogo é fundamental para o uso apropriado dos livros, revistas, jornais e outros documentos nela armazenados.

Uma biblioteca não é apenas o local onde estão guardados os documentos. É antes de tudo o espaço onde se encontra a organização da informação passível de levar o indivíduo até a obra de que necessita.

Para entender essa organização é preciso considerar, inicialmente, os sistemas que lhe servem de base. Pode-se afirmar, sem erro, que tais sistemas são de natureza classificatória, isto é, partem do princípio de que as informações podem ser organizadas em um número finito de classes.

2. WITTY, F.J. **The beginnings of indexing and abstracting:** some notes toward a history of indexing in the antiquity and middle ages. *The indexer*, 1973 v.8, n.4, p. 193-198.

3. DAHL, Svend. **Histoire du livre.** Paris: Poinat, 1960, p.18.

TEORIAS DE CLASSIFICAÇÃO

Os sistemas de classificação bibliográfica — em sua grande parte elaborados no final do século XIX e início do século XX — reproduziram, de uma maneira ou de outra, as classificações do conhecimento. O sistema de classificação elaborado por Dewey, até hoje utilizado pela maioria das bibliotecas brasileiras, constitui um exemplo: calcada na classificação das ciências de Francis Bacon⁴, as suas dez classes foram construídas a partir da divisão do conhecimento em três grandes grupos: memória, imaginação e razão.

A Classificação Decimal de Dewey (CDD)⁵ foi o primeiro sistema de classificação bibliográfica utilizado de maneira sistemática. Define-se como sistema de classificação geral porque apresenta a ordenação de todo o conhecimento humano. Qualifica-se como bibliográfica porque, ao contrário dos sistemas de classificação filosóficos que se preocupam com a hierarquização do conhecimento e com a ordem da ciência e das coisas, serve de base à organização de documentos, estabelecendo relações entre eles, para facilitar sua localização.

A classificação bibliográfica supõe um tratamento dos assuntos dos documentos de modo a:

- ordenar fisicamente os documentos nas estantes das bibliotecas;
- ordenar as referências nas bibliografias ou nas fichas dos catálogos das bibliotecas.

Para proceder ao tratamento dos assuntos, a CDD supõe que o universo do conhecimento é passível de ser dividido em classes convencionais principais, a saber:

CLASSE	ASSUNTO
000	Generalidades
100	Filosofia e disciplinas relacionadas
200	Religião

300	Ciências Sociais
400	Línguas
500	Ciências Puras
600	Ciências Aplicadas (Tecnologia)
700	Artes, Recreação e Artes Cênicas
800	Literatura (Belas Artes)
900	Geografia, Biografia e História

Cada elemento dessas classes principais tem muitos atributos, sendo que alguns deles podem ser tomados como características para a divisão da classe principal em subclasses ou grupos. Cada grupo, por sua vez, pode ser dividido por uma outra característica. Desse modo, por um processo de divisão sucessiva, tendo por base uma série de características, obtém-se uma cadeia de classes que pode ser representada pelo diagrama conhecido como árvore do conhecimento. Por exemplo, a classe 300 — Ciências Sociais — é subdividida da seguinte forma:

300	CIÊNCIAS SOCIAIS
310	Estatística
320	Ciência Política
330	Economia
340	Direito
350	Administração Pública
360	Patologia e Serviços Sociais
370	Educação
380	Comércio. Comunicações. Transporte.
390	Costumes e Folclore

Cada assunto acima é, por sua vez, subdividido em classes de assuntos mais específicos. A classe 380 é subdividida como segue:

380	COMÉRCIO. COMUNICAÇÕES. TRANSPORTE.
381	Comércio interno
382	Comércio internacional
383	Comunicação postal
384	Outros sistemas de comunicação
385	Transporte ferroviário
386	Transporte por águas internas
387	Transporte por água, ar e espaço
388	Transporte por terra
389	Metrologia e padronização

4. Francis Bacon (Londres, 1561-1626): barão, chanceler da Inglaterra e filósofo. Um dos criadores do método experimental e indutivo em contraposição ao método dedutivo e apriorístico da escolástica.(N.E.)

5. DEWEY DECIMAL CLASSIFICATION devised by Melvil Dewey. 20.ed. Albany: N.Y. Forest Press, 1989. 4v.

Esses mesmos assuntos são submetidos a um nível ainda mais específico de subdivisão:

382	COMÉRCIO INTERNACIONAL
382.4	Serviços e mercadorias específicas
382.41	Produtos agrícolas

A partir dessa árvore, cada documento tem atribuído os assuntos que trata, as combinações entre eles e os símbolos (alfa-numéricos) que o representam. Desse modo, uma obra sobre Comércio Internacional de Cereais é representada pelo símbolo 382.4131 e, na biblioteca, ela ficará localizada junto aos demais documentos que tratam do mesmo assunto ou de assuntos próximos.

Esses mesmos princípios de organização e estruturação foram utilizados pela Classificação Decimal Universal — CDU⁶, sistema também bastante conhecido e utilizado no Brasil. A estrutura das classes principais é similar à da CDD, exceto por reunir, numa mesma classe, a Literatura à Lingüística e Filologia, ficando a classe 4 vazia, como segue:

CDU

0	Generalidades
1	Filosofia
2	Religião. Teologia
3	Ciências Sociais
4	-vaga-
5	Matemática e Ciências Naturais
6	Ciências Aplicadas. Medicina. Tecnologia
7	Arte. Belas-Artes. Recreação. Diversões. Esportes
8	Linguagem. Lingüística. Literatura
9	Geografia. Biografia. História

O avanço apresentado pela CDU frente à CDD deve-se, principalmente, a dois fatores:

1) aumento da capacidade de "síntese", ou seja, possibilidade de representar assuntos complexos por meio de mecanismos de com-

inação. Diferentemente da CDD, utilizando-se a CDU é possível relacionar assuntos que estão em classes diferentes;

2) incorporação do princípio de análise por facetas, princípio esse que permite uma análise multidimensional dos assuntos. Dito de outra forma, em muitas classes (por exemplo Tecnologia), um assunto é considerado a partir de vários pontos de vista.

Não há dúvida de que a reutilização do conhecimento produzido pelos homens depende de algum tipo de organização. Os sistemas de classificação bibliográfica são, como se pode ver, linguagens que orientam a organização de livros a partir de um ponto de vista utilitário.

A grande contribuição desses sistemas reside no fato de apresentar uma proposta de organização hierárquica dos registros do conhecimento humano, de modo a torná-los acessíveis a um grande número de pessoas. As hierarquias obtidas através da aplicação sucessiva de princípios de divisão produzem encadeamentos entre assuntos, fornecendo ao usuário um parâmetro para a localização dos documentos desejados. Se o sistema fosse apenas uma enumeração de assuntos isolados, carente de relações, o usuário ficaria sem um fio condutor para proceder às suas buscas bibliográficas.

De uma modo geral, contudo, tanto a CDD como a CDU apresentam problemas. O primeiro deles decorre precisamente do fato de dividirem o conhecimento em dez classes. Seguindo o princípio anteriormente mencionado, as classes convencionais são sucessivamente divididas por determinados atributos, o que implica a formação de uma árvore hierárquica que caminha na direção das características selecionadas. Como é problemático representar todo o conhecimento a partir apenas de uma divisão lógica

6. CDU - CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL. Ed. média em língua portuguesa. Brasília: IBICT, 1987, 2v. (Publicação FID n. 665).



Um dos fragmentos de documentos sobre papel que Sven Hédin encontrou nas ruínas de um monastério da Ásia Central. O papel data do século II ou III e está entre os mais antigos do gênero de que se tem conhecimento⁷.

(ou de um único encadeamento), tais sistemas acabam por amalgamar assuntos que não são produto de subdivisões propriamente hierárquicas. Desse modo, esses sistemas de classificação apresentam, muitas vezes, relações hierárquicas inconsistentes.

O segundo grande problema é que tais sistemas acabam por se tornar muito rígidos.

É preciso lembrar que a divisão do conhecimento em 10 classes reflete um momento determinado da história das idéias que não é, necessariamente, o vigente em nossos dias. Por esse motivo, essas classificações nem sempre conseguem abrigar novos assuntos de forma adequada, particularmente quando se trata de temas interdisciplinares ou transdisciplinares.

Embora a classificação bibliográfica esteja calcada na necessidade concreta de organizar documentos, é mister lembrar que, na história das idéias, a classificação do conhecimento esteve muitas vezes ligada ao desejo de alcançar uma verdade, ou mais precisamente, uma única verdade. Nos dias atuais, a idéia de funcionalidade se sobrepõe àquela de verdade, ficando esta última bastante relativizada.

RECUPERAR A INFORMAÇÃO

A inadequação de tais sistemas ao tratamento da informação é um fato reconhecido pelos bibliotecários. Embora eles continuem a ser utilizados, tanto a CDD como a CDU são vistos como sistemas para organizar documentos nas estantes e não como instrumentos para o tratamento e a recuperação da informação. De fato, a proposta inicial da CDD e da CDU era a de obter "a ordenação" dos documentos ou referências. As crescentes necessidades de recuperação de conteúdos colocaram a tais sistemas demandas que eles não têm condições de atender.

É importante conhecer a estrutura de tais sistemas, suas funções e seus limites, não esperando dos mesmos nada mais do que uma "pista" para localizar os documentos nas estantes de uma biblioteca.

Outros instrumentos têm sido elaborados para dar conta dessa nova (e crescente) necessidade, qual seja, o acesso à informação propriamente dita.

De qualquer modo, o conhecimento da estrutura organizacional dos sistemas de classificação bibliográfica é necessário como um parâmetro de busca de documentos, uma vez que eles são utilizados pela maior parte de nossas bibliotecas.

É importante lembrar, também, que o princípio classificatório traz, de forma inerente, a questão da generalização. O reconhecimento dos documentos se faz por "classes" ou agrupamentos. Para localizá-los é preciso entender quais são os princí-

7. SVEND, Dahl. *op. cit.* p.34.

pios utilizados para constituir tais agrupamentos. Assim, obras de literatura infanto-juvenil são agrupadas dentro de uma classe de assunto, não sendo possível identificar o tema específico tratado por cada uma delas. Ilustraremos esse fato com um exemplo.

A CDD permite classificar livros de literatura infantil, qualquer que seja sua temática, em duas classes distintas, a saber: 028.5 (Leitura e uso de outros meios de informação por crianças e jovens adultos); P869.5 (Literatura portuguesa - Ficção).

- 000 Generalidades
- 028 Leitura e uso de outros meios de informação
- 028.5 Leitura e uso de outros meios de informação por crianças e jovens adultos.

A escolha da notação acima (028.5) para classificar livros para público infanto-juvenil implica dizer que a ênfase foi dada para o tipo de leitor.

- 800 Literatura
- 869 Literatura portuguesa
- B869 Literatura portuguesa (onde B é o indicador de Brasil)
- B869.3 Literatura Portuguesa - Ficção (gênero)

A escolha da notação P869.5 significa que a ênfase está na origem da literatura.

Saber, portanto, que a CDD e a CDU dividem o conhecimento em disciplinas convencionais é ponto de partida para a busca de documentos.

Um indivíduo que conhece os princípios de organização de obras em bibliotecas terá certamente um grande grau de autonomia para explorar adequadamente os acervos nelas disponíveis. Parece claro, portanto, que a formação escolar deveria prever um espaço para o fornecimento sistemático de tais conhecimentos. Os alunos só teriam a ganhar com isso.

A localização de "informações" específicas veiculadas por tais documentos exige um tratamento diferenciado, que combine princípios classificatórios e semânticos. Entra em cena, aqui, a "palavra" como meio de acesso à informação, o que leva a uma outra problemática, que será discutida em outra oportunidade.